

4 Análise dos dados

Esta análise constitui-se de duas etapas. Na primeira, elaborou-se uma *escala de congruência* a partir da observação da estrutura canônica e das estruturas alternativas em foco neste trabalho, tendo em conta alguns dos conceitos expostos nos pressupostos teórico-metodológicos. Na segunda, foi feita uma avaliação crítica de cada situação do questionário e dos dados obtidos através de sua aplicação à luz dos conceitos de *formalidade/informalidade*, *intimidade/ausência de intimidade*, *distanciamento/proximidade*, *hierarquia/ausência de hierarquia*. Portanto, a análise empreendida neste trabalho conjuga conceitos funcionalistas e pragmáticos, com o objetivo de apresentar uma visão mais abrangente do fenômeno estudado. Assim, esta seção subdivide-se em duas partes: na primeira, será apresentada a escala de congruência, construída a partir do conceito de metáfora gramatical e, na segunda, serão expostos os resultados referentes à aplicação do questionário (cf. item 3.5.1).

4.1 Escala de congruência

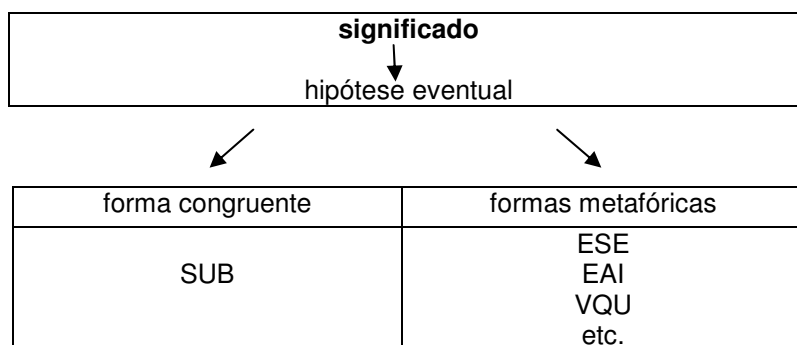
Para a apresentação da escala de congruência, é necessário recuperar o conceito de metáfora gramatical, explicitado nos pressupostos teóricos. Nesse capítulo, foi exposto que, na teoria funcionalista de linguagem desenvolvida por Halliday (1994), o conceito de metáfora gramatical é definido em comparação com o conceito tradicional de metáfora. Enquanto esta se refere aos vários sentidos que uma palavra pode ter, aquela diz respeito às variadas formas de expressão que pode assumir um significado do sistema linguístico. Assim, de acordo com essa teoria, o sistema linguístico dispõe de significados, que podem ser realizados diretamente, por meio de uma expressão linguística congruente com o significado e com a sua função no sistema. Esses significados também podem ser realizados indiretamente, através de uma expressão linguística não congruente. Foi apontado também que uma expressão linguística congruente é aquela que exprime um significado de maneira mais típica. Quando um significado é

expresso de modo atípico, ocorre o processo metafórico descrito. Assim, uma realização gramatical metafórica é aquela que expressa um significado por meio de uma expressão não preferida.

Anteriormente, foi mencionado que, nesta análise, será utilizado apenas o conceito amplo de metáfora gramatical; portanto, será desconsiderada a distinção entre metáfora ideacional e interpessoal, embora se saiba que o fenômeno tratado aqui, por também poder envolver questões de modo e de modalidade, está no âmbito do que Halliday define como metáfora interpessoal. Portanto, para o escopo desse trabalho, não serão avaliadas as questões de modo conforme é entendido por Halliday, pois o modo é visto aqui como uma expressão gramatical; tampouco serão avaliadas as questões de modalidade.

Assim, nos termos do funcionalismo, no presente trabalho, analisa-se a expressão de um significado específico, a saber: a hipótese¹. Tal significado pode ser expresso por meio da estrutura denominada aqui como SUB, considerada pela autora deste trabalho a realização mais característica desse significado. Assim, quando o falante seleciona essa estrutura, expressa o significado em questão de forma congruente, por meio de um processo não metafórico. Ocorre que o mesmo significado pode ser realizado indiretamente, por pelo menos três estruturas atípicas e diferentes da SUB, quais sejam: ESE, EAI e VQU. A figura abaixo esquematiza a realização do referido significado.

Figura 5: Diferentes formas de expressar o significado hipótese eventual

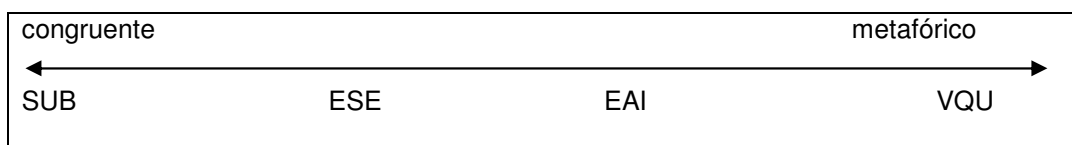


¹ De acordo com alguns trabalhos citados aqui, o período que explicita esse significado é denominado *período hipotético eventual* ou *construção condicional eventual* (cf. itens 2.3.1, 2.3.2 e 2.3.3).

A Figura 5 mostra que o significado hipótese eventual é concretizado congruentemente, através da forma SUB, ou metaforicamente, por meio das formas ESE, EAI, VQU. Além dessas, outras formas alternativas, não examinadas neste trabalho, poderiam ser incluídas na lista das formas metafóricas.

Assumindo-se que os significados são realizados de modo mais ou menos congruente, não existe uma dicotomia literal \times metafórico, mas um contínuo de congruência. Por isso, tendo em vista a observação dos resultados obtidos por meio da aplicação do questionário, foi construída uma escala de congruência, representada na figura abaixo.

Figura 6: Escala de congruência das estruturas



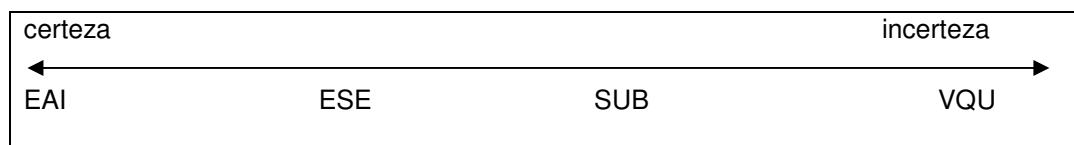
A escala, representada na Figura 6, apresenta a distribuição das estruturas em foco no contínuo *congruência – metáfora*. Assim, SUB ((a) *Se você chegar tarde, a gente não vai entrar no teatro.*) é uma estrutura mais congruente e as demais, mais ou menos metafóricas. Nos dados obtidos, que serão pormenorizadamente analisados no próximo item, foi observado que SUB é a construção mais amplamente preferida pelos informantes em todos os contextos de fala testados, o que não ocorreu para as demais estruturas. Além disso, nota-se que, pela similaridade da estrutura, em que há apenas uma mudança no tempo verbal, ESE ((b) *Se você chega tarde, a gente não entra no teatro.*) é análoga à SUB, podendo ser situada logo após a ela na escala. EAI ((c) *Você chega tarde e a gente não entra no teatro. E aí?*) e VQU ((d) *Vai que a gente chega tarde e a gente não entra no teatro.*), sendo afirmativas, distanciam-se muito da forma da SUB e, por isso, foram colocadas no outro extremo da escala. Cabe ainda mencionar que EAI e VQU são mais informais do que ESE, constituindo-se, portanto, em construções restritas a contextos de fala mais coloquiais.

Conforme explicitado no Capítulo 3, Ravelli propõe um novo modelo de metáfora gramatical, no qual este processo envolve sempre uma variação semântica, pois as expressões metafóricas podem tanto omitir como evidenciar aspectos do significado de uma expressão congruente. Dessa forma, é possível

afirmar, seguindo a lógica de Ravelli, que as estruturas ESE, EAI e VQU não possuem exatamente o mesmo significado em relação à SUB, pois elas podem manifestar nuances de sentido não contempladas pela estrutura congruente.

As estruturas metafóricas, por conseguinte, não são selecionadas aleatoriamente, mas de acordo também com as diferenças de significado que codificam em relação à SUB. É possível afirmar, com base no uso, que as estruturas alternativas adicionam ao significado de hipótese uma maior ou menor certeza do falante quanto à realização do fato expresso. Dessa forma, quando os falantes selecionam SUB, indicam que a condição expressa na oração subordinada é certa se for satisfeita a condição expressa na principal. Quando selecionam ESE e EAI, indicam maior certeza da realização do fato em relação à SUB. Pelo contrário, quando selecionam VQU, indicam menor certeza da realização do fato em relação à SUB, ESE e EAI. Essa diferença de significado pode ser assim representada:

Figura 7: Escala de expressão de certeza das estruturas



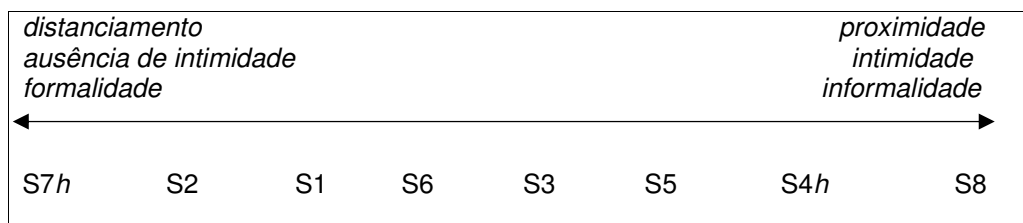
A Figura 7 apresenta a distribuição das estruturas em questão no contínuo *certeza – incerteza*, que diz respeito ao grau de convicção que o falante assume ao escolher usá-las. EAI consiste em uma afirmativa, tornando mais categórica a crença de que o fato expresso por meio dela ocorrerá. Do mesmo modo, essa estrutura geralmente exprime um fato que o falante não quer que aconteça. VQU também é uma afirmativa, mas a expressão "vai que" confere ao significado menos certeza, motivo pelo qual foi situada no extremo oposto da escala. SUB e ESE são construções mais neutras com relação à certeza do falante e, por isso, estão localizadas mais ao centro do contínuo. No entanto, o uso dessas estruturas não obedece apenas ao nível de certeza que o falante quer conferir à sua fala, mas a outros fatores, analisados aqui, como a relação hierárquica entre os falantes, a intimidade e a proximidade entre eles e o nível de formalidade exigido na interação, dentre outros. No próximo item, apresenta-se uma escala em que as estruturas são dispostas tendo como base esses fatores.

Embora o objetivo deste trabalho não seja caracterizar os diferentes matizes de significados das estruturas alternativas analisadas, constata-se que essa caracterização contribui para um maior entendimento de seus usos.

4.2 As situações do questionário

Como apresentado anteriormente, a construção das oito situações do questionário levou em conta os quatro pares de conceitos a seguir: (i) *proximidade/distanciamento*; (ii) *intimidade/ausência de intimidade*; (iii) *formalidade/informalidade*; e (ix) *hierarquia/ausência de hierarquia*. Para facilitar o entendimento das variáveis testadas em cada situação, foi construída uma escala, tendo como base os três primeiros pares de conceitos, conforme representado a seguir:

Figura 8: Escala das variáveis testadas no questionário



A Figura 8 apresenta uma escala com a distribuição das situações em um contínuo que conjuga os conceitos testados no questionário. De um lado, as situações localizadas à esquerda envolvem interações entre participantes desconhecidos ou conhecidos, porém sem intimidade e sem proximidade. Por outro lado, as situações localizadas à direita abrangem situações nas quais os participantes se conhecem, têm intimidade – ainda que não muita – e proximidade. Apenas S7 e S4, como sinalizado na escala, envolvem hierarquia entre os participantes. Além disso, as variáveis descritas na escala não aparecem juntas em nenhuma situação; entretanto, por sua descrição, pode-se pressupor qual é o tipo de relação existente entre os participantes e, a partir daí, inferir se há ou não proximidade, intimidade e informalidade entre eles.

Será apresentada, a seguir, a análise de cada situação do questionário aplicado fazendo-se referência às variáveis da Figura 8. A cada situação, serão

apresentados (i) as variáveis testadas; (ii) os resultados obtidos por meio da aplicação do questionário; (iii) as expectativas em relação às respostas dos informantes; e (ix) a avaliação destes três fatores: as variáveis, os resultados obtidos e as expectativas. Para facilitar o entendimento da análise, a apresentação das situações segue a ordem da escala anterior. Primeiramente, são apresentadas as situações de maior distanciamento, ausência de intimidade e formalidade; em seguida, são mostradas as situações de maior proximidade, intimidade e informalidade.

4.2.1

S2: situação 2

2. Em uma loja de roupas de festa, uma pessoa quer comprar um terno em promoção para outra, que não está na loja, e pede sua opinião. Você julga a compra arriscada, pois não há troca para peças da liquidação. **Atenção:** vocês não se conhecem.

O que você provavelmente diria nessa situação?

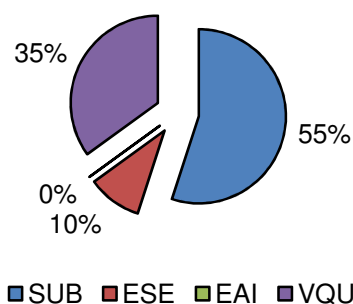
1. () E se você comprar o terno e ele não ficar bom na pessoa?
2. () Você compra o terno e ele não fica bom na pessoa. E aí?
3. () E se você compra o terno e ele não fica bom na pessoa?
4. () Vai que você compra o terno e ele não fica bom na pessoa.

DS2 - respostas dos informantes:

I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20
1	4	4	4	1	1	1	4	1	1	4	1	1	3	1	4	3	1	4	1

Os participantes dessa situação não se conhecem; portanto, não têm proximidade nem intimidade. Há ausência de hierarquia e formalidade. Esperava-se que, em uma interação desse tipo, houvesse tendência para o uso da estrutura congruente SUB, mais do que para o uso das metafóricas, ESE, EAI e VQU.

O gráfico a seguir permite uma melhor visualização dos dados obtidos e apresentados acima, em DS2:

Figura 9: Percentuais de escolhas das estruturas da S2

Como esperado, a maior parte dos informantes escolheu a opção SUB, a mais congruente. Este resultado vai ao encontro das expectativas, pois, em uma situação de interação em que os participantes não se conhecem, espera-se que haja maior formalidade e, por isso, o uso do modo subjuntivo. No entanto, vale ressaltar que, de acordo com os números expressos no gráfico, houve 55% de escolha para a opção SUB, o que constitui uma maioria não expressiva; portanto, esse resultado suscita dúvidas com relação à preferência dos informantes pela construção com SUB ou pelas construções alternativas. Contudo, pode-se afirmar que os resultados obtidos para a S2 confirmam a hipótese inicial porque está claro que uma maioria, ainda que não representativa, prefere a opção com a forma subjuntiva. Esses resultados podem ser atribuídos ao fato de a situação não envolver hierarquia entre os participantes, o que pode ter feito alguns informantes suporem que o uso das estruturas metafóricas seria também adequado.

4.2.2

S7: situação 7

7. No trabalho, você é supervisor(a) de uma grande equipe. Seu novo chefe pede sua opinião a respeito de promover um funcionário que não contribui com a equipe. Ele discorda e quer promovê-lo. **Atenção:** vocês não se conhecem.

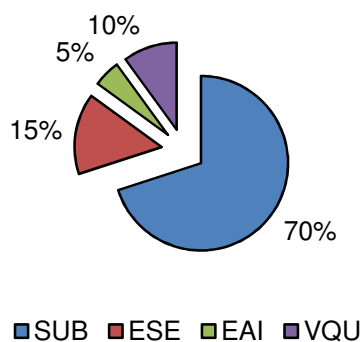
O que você provavelmente diria nessa situação?

1. () Vai que você promove o funcionário e ele continua a mesma coisa.
2. () E se você promove o funcionário e ele continua a mesma coisa?
3. () Você promove o funcionário e ele continua a mesma coisa. E aí?
4. () E se você promover o funcionário e ele continuar a mesma coisa?

DS7 - Respostas dos informantes:

I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20
1	4	4	2	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	2	1	4	4	3

Na interação, o subordinado deve opinar a respeito de uma futura decisão do chefe e estão envolvidas as variáveis distanciamento, ausência de intimidade formalidade, além de hierarquia. O objetivo, como na situação anterior, foi testar se a preferência dos informantes seria maior pela opção congruente. Conforme as respostas obtidas e mostradas em DS7, tem-se:

Figura 10: Percentuais de escolhas das estruturas da S7

Dado que a maior parte dos informantes escolheu a opção SUB, a hipótese de que os participantes prefeririam a opção congruente confirmou-se nesta situação. Cabe comparar o percentual de escolha das estruturas metafóricas (ESE, EAI e VQU) nas situações 2 e 7. Na situação anterior, embora nenhum informante tenha optado por EAI, muitos escolheram a VQU. Na presente situação, apenas uma pequena parte dos informantes usaria ESE, EAI e VQU. Portanto, os resultados obtidos para S7 confirmam a hipótese de que, no discurso oral formal, a preferência dos falantes é pela construção congruente. Acredita-se que, em S7, a escolha dos informantes tenha ido nesta direção por esta situação envolver, claramente, uma relação assimétrica entre os participantes, fator ausente na S2.

4.2.3**S1: Situação 1**

1. Uma nova colega de trabalho comenta, na hora do cafezinho, que vai experimentar um novo tratamento para emagrecer. Você acredita que o tratamento

faz a pessoa engordar após o término e tenta alertá-la. **Atenção:** vocês se conhecem mas não têm intimidade.

O que você provavelmente diria nessa situação?

1. () Vai que você gasta dinheiro com o tratamento e ganha mais peso depois.
2. () E se você gastar dinheiro com o tratamento e ganhar mais peso depois?
3. () Você gasta dinheiro com o tratamento e ganha mais peso depois. E aí?
4. () E se você gasta dinheiro com o tratamento e ganha mais peso depois?

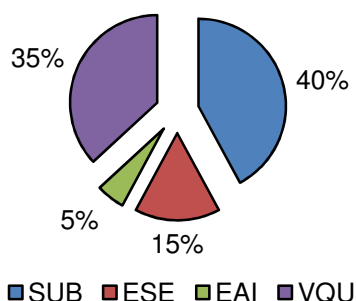
DS1 - Respostas dos informantes:

I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20
2	3	2	4	2	2	2	1	1	2	1	1	4	1	1	2	4	2	4	1

Na S1, duas colegas de trabalho conversam, na hora do cafezinho, sobre um tratamento para emagrecer. Visto que as participantes se conhecem, esta situação apresenta menor distanciamento, porém com ausência de intimidade entre os participantes em relação às duas situações anteriores, além de menor formalidade e ausência de hierarquia. Buscou-se averiguar se haveria maior número de escolhas das opções metafóricas em relação às situações anteriores (que envolvem maior distanciamento que esta). A hipótese era a de que o percentual de escolhas para as opções metafóricas aumentaria.

Seguindo a análise gráfica dos dados exibidos em DS1:

Figura 11: Percentuais de escolhas das estruturas da S1



Os dados obtidos para essa situação confirmaram as expectativas iniciais deste trabalho. Dos informantes, 40% preferiram a opção congruente,

possivelmente por ser uma situação com distanciamento. Os outros 60%, no entanto, selecionaram as opções metafóricas. Analisando-se o percentual de escolhas das opções ESE, EAI e VQU, observa-se que a maior parte dos informantes escolheu as construções mais informais.

Pode-se aventar a possibilidade de a preferência pelas construções alternativas ter sido influenciada pela contextualização da situação e pelo assunto das participantes. Porto (2006), em sua dissertação "*Pessoal e oficial ao mesmo tempo*": *espaços limítrofes do ambiente de trabalho na sociedade brasileira e o ensino de português como segunda língua para estrangeiros*, baseia-se na delimitação de Roberto DaMatta de espaço da casa, em que há familiaridade e intimidade, e espaço da rua, em que prevalecem as relações distantes não familiares e no qual se situa o *trabalho*. Porto afirma que há um terceiro espaço no Brasil, limítrofe e ambíguo, situado no ambiente de trabalho. Nele os brasileiros tentam estabelecer proximidade em um ambiente pertencente à rua, através de expressões linguísticas que tornam mais amistosas as relações impessoais de trabalho. O cantinho do café, o banheiro, o carro, as festas de fim de ano são mencionados pelo autor como exemplos de espaços limítrofes. Tendo em vista a análise de Porto, é possível afirmar que os informantes escolheram as opções mais informais em S1 pelo fato de a situação se passar em um espaço limítrofe – a hora do cafezinho – e, ademais, de o assunto – emagrecimento – ser muito informal.

4.2.4

S6: situação 6

6. Sua cunhada, que mora no exterior, quer mandar uma roupa para você por seu irmão. Você prefere um perfume, mas ela insiste na roupa. Você tenta dizer a ela que é difícil uma roupa agradar-lhe. **Atenção:** vocês se conhecem mas não têm intimidade.

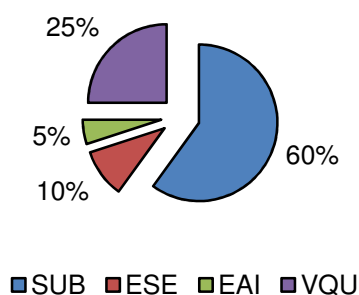
O que você provavelmente diria nessa situação?

1. () E se você manda uma roupa e ela não fica boa em mim?
2. () Vai que você manda uma roupa e ela não fica boa em mim.
3. () E se você mandar uma roupa e ela não ficar boa em mim?
4. () Você manda uma roupa e ela não fica boa em mim. E aí?

DS6 - Respostas dos informantes:

I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20
2	3	3	3	3	3	3	2	1	3	1	2	3	2	3	3	4	2	3	3

As variáveis, bem como as expectativas desta situação, são as mesmas da anterior. Contudo, conforme mostram os dados em DS6:

Figura 12: Percentuais de escolhas das estruturas da S6

Uma parte dos participantes – 40% – optou pelas construções mais metafóricas. Entretanto, a outra parte considerável – 60% – decidiu-se pela opção congruente – SUB. Além disso, se forem comparados os percentuais de escolhas das estruturas alternativas ESE, EAI e VQU desta situação e da anterior – S1 –, nota-se que menos informantes escolheram opções metafóricas nesta situação – S6. Os resultados obtidos para a S6 não estão de acordo com as hipóteses iniciais do trabalho, pois a maior parte dos informantes preferiu a opção com a forma subjuntiva. Isso pode ter acontecido devido ao fato de a situação apresentar uma conversa entre uma pessoa residente no Brasil e outra, no exterior, o que pode ter reforçado a ideia de distanciamento físico e relacional entre os participantes.

4.2.5**S3: Situação 3**

3. Em um dia chuvoso, você encontra seu vizinho no elevador. Ele comenta que esqueceu o guarda-chuva. Você tem a impressão de que vai chover e acha melhor ele voltar para buscá-lo. **Atenção:** vocês se conhecem e têm alguma intimidade.

O que você provavelmente diria nessa situação?

1. () E se você deixa o guarda-chuva e chove?
2. () Você deixa o guarda-chuva e chove. E aí?

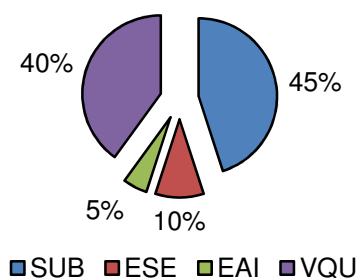
3. () E se você deixar o guarda-chuva e chover?
 4. () Vai que você deixa o guarda-chuva e chove.

DS3 - Respostas dos participantes:

I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20
1	2	4	4	3	3	3	4	3	4	4	3	3	4	3	4	4	3	1	3

Na S3, esperava-se maior predileção pelas estruturas alternativas ESE, EAI e VQU, pois a situação apresenta a interação entre vizinhos relativamente próximos e íntimos. Não há formalidade nem hierarquia. A expectativa confirma-se ao se observar o gráfico a seguir, cujos dados estão expostos em DS3:

Figura 13: Percentuais de escolhas das estruturas da S3



As respostas obtidas através dos informantes mostram que a preferência é pelas construções metafóricas (ESE, EAI e VQU). É provável que esse resultado possa ser atribuído à relativa proximidade e intimidade entre os participantes e, depois, à informalidade e à ausência de hierarquia envolvidas na situação.

4.2.6

S5: situação 5

5. Sua colega de trabalho, que quer ser promovida, acha uma boa ideia convidar o gerente para jantar na casa dela. Você, no entanto, supõe que essa não seja uma boa ideia e tenta mostrar-lhe isso. **Atenção:** vocês se conhecem e têm alguma intimidade.

O que você provavelmente diria nessa situação?

1. () Vai que você convida o gerente e ele pensa que é outra coisa.
 2. () E se você convidar o gerente e ele pensar que é outra coisa?

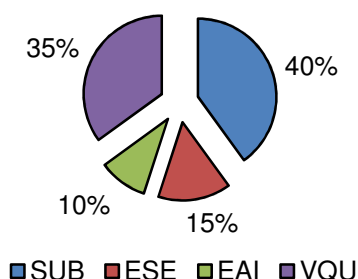
3. () Você convida o gerente e ele pensa que é outra coisa. E aí?
 4. () E se você convida o gerente e ele pensa que é outra coisa?

DS5 - Respostas dos participantes:

I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20
2	2	4	4	1	2	2	1	1	3	2	1	2	4	1	1	1	2	2	3

Como na situação anterior, a hipótese era a de que mais informantes selecionariam as opções metafóricas. Para uma melhor visualização dos dados exibidos em DS5:

Figura 14: Percentuais de escolhas das estruturas da S5



Os resultados obtidos foram os esperados. Destaca-se o fato de um número maior de informantes em relação à situação anterior (S3) – 10% – ter selecionado a opção EAI, considerada direta pela maioria deles, como pode ser visto na tabulação dos dados (cf. item 3.5.4 - Tabela 6). Uma possibilidade de explicação é a seguinte: os informantes julgaram que poderiam ser mais diretos nesta situação do que na anterior em virtude de o assunto tratado pelas participantes ser muito pessoal, o que poderia dar abertura para o uso da estrutura.

4.2.7

S4: situação 4

4. Você e sua sogra estão no shopping porque ela quer comprar um presente para seu(sua) marido(esposa), filho(a) dela. Você acha que ele(ela) já tem uma blusa muito parecida com a que sua sogra cismou em levar e acha melhor ela comprar outra. **Atenção:** vocês se conhecem e são pessoas muito próximas.

O que você provavelmente diria nessa situação?

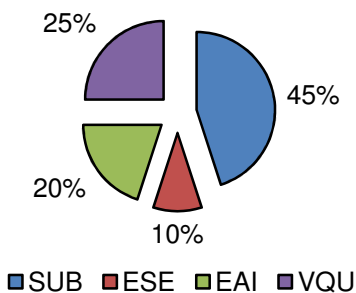
1. () Você compra a blusa e depois percebe que ele(ela) tem uma muito parecida. E aí?
2. () E se você compra a blusa e depois percebe que ele(ela) tem uma muito parecida?
3. () Vai que você compra a blusa e depois percebe que ele(ela) tem uma muito parecida.
4. () E se você comprar a blusa e depois perceber que ele(ela) tem uma muito parecida?

DS4 - Respostas dos informantes:

I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20
1	2	3	1	3	4	4	4	4	3	2	3	4	1	4	1	3	4	4	4

Na S4, o objetivo era verificar a influência das variáveis proximidade, intimidade, informalidade e hierarquia. Supôs-se que a situação, que apresenta uma interação entre sogra e nora em uma loja, representaria um contexto adequado para a verificação desses fatores. De acordo com os dados retratados em DS4:

Figura 15: Percentuais de escolhas das estruturas da S4



Novamente, a percentagem de escolha das estruturas metafóricas foi maior, 55%. Esperava-se esse resultado devido à proximidade e intimidade entre as participantes. A relação assimétrica entre elas – sogra e nora – pode ter levado a uma maior escolha pela construção congruente SUB, induzindo uma parte significativa dos informantes, quase a metade deles, a optar por essa estrutura. Então, como 45% dos participantes escolheram a opção congruente, esse resultado

não confirma contundentemente as expectativas do mesmo modo como os resultados da S8, apresentada a seguir.

4.2.8

S8: situação 8

8. Sua amiga quer cortar o cabelo bem curto. Você presume que o corte ficará ruim, pois, na sua opinião, o rosto dela não combina com cabelo curto. **Atenção:** vocês se conhecem e são pessoas muito próximas.

O que você provavelmente diria nessa situação?

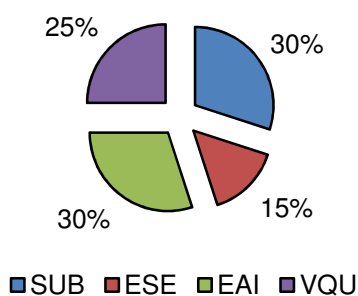
1. () E se você corta o cabelo bem curto e não gosta depois?
2. () Você corta o cabelo bem curto e não gosta depois. E aí?
3. () E se você cortar o cabelo bem curto e não gostar depois?
4. () Vai que você corta o cabelo bem curto e não gosta depois.

DS8 - Respostas dos informantes:

I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20
2	4	1	4	4	3	3	1	3	2	2	4	1	2	3	2	4	3	2	3

Na S8, com exceção da variável hierarquia, testaram-se as mesmas variáveis da situação antecedente. Os dados apontados em DS8 podem ser assim representados:

Figura 16: Percentuais de escolhas das estruturas da S8



Por meio dos resultados alcançados, pode-se dizer que a maioria dos informantes usaria as opções metafóricas e apenas uma minoria, a opção congruente. A situação apresenta uma conversa informal entre duas pessoas que são amigas, próximas e íntimas, sobre um assunto coloquial – o desejo de um dos participantes de cortar o seu cabelo. Além disso, a relação de poder entre eles é

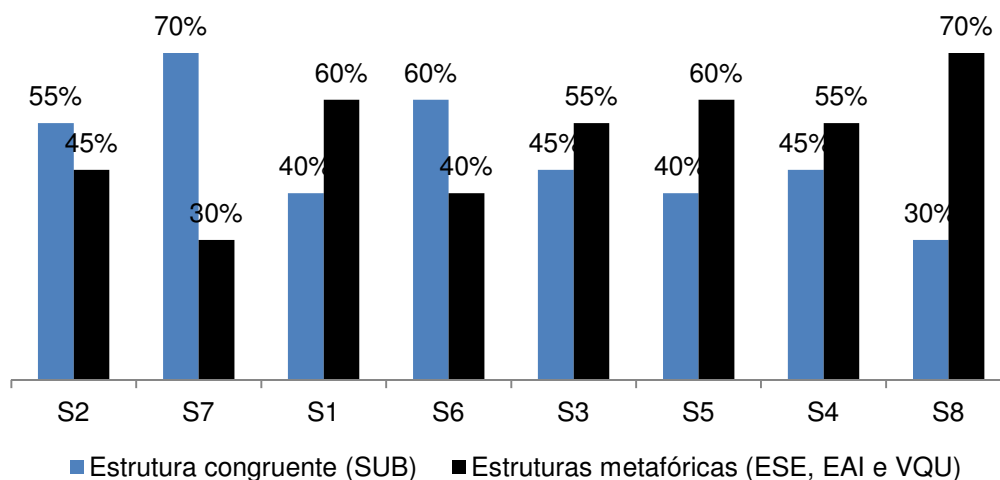
simétrica. Verifica-se que todos esses fatores contribuíram, conjuntamente, para a decisiva preferência dos informantes pelas construções alternativas.

Com o objetivo de apresentar uma visão geral do que foi exposto sobre cada situação, o item subsequente trata da avaliação conjunta do resultado de todas as situações do questionário.

4.3 Análise geral das situações

Para uma apresentação global dos resultados de todas as situações, estão reunidas, no gráfico abaixo, as percentagens de escolha da opção congruente (SUB) e das opções metafóricas (ESE, EAI e VQU) para todas as situações.

Figura 17: Percentual de escolhas da estrutura congruente e das estruturas metafóricas em todas as situações



No gráfico, tomando-se como base as situações de maior distanciamento, ausência de intimidade entre os participantes e de maior formalidade, observa-se que a porcentagem de escolhas pelas estruturas metafóricas em S2 e S7 é menor do que em S1 e S6. Colocando em foco apenas as situações de maior proximidade, intimidade e informalidade, o mesmo percentual é igual, em S3 e em S4, e maior, em S5 e em S8. Observa-se, portanto, um padrão nas escolhas dos informantes: a preferência pelas construções alternativas aumenta nas situações de maior familiaridade. Contudo, não se mantém da mesma forma o padrão inverso,

ou seja, a diminuição da preferência pela estrutura congruente nas situações de menor familiaridade não ocorre da mesma forma. Este resultado não foi contemplado nas expectativas deste trabalho. Além disso, vê-se, no gráfico, que os percentuais de escolhas da estrutura congruente mantêm-se mais altos nas situações de pouca ou nenhuma familiaridade entre os participantes do que nas situações de pouca ou muita familiaridade – com exceção da S1, pelas razões já explicitadas – mas que, apesar dessa diminuição, são sempre altos em todas as situações.

Constatou-se, portanto, que não há uma grande rejeição pela estrutura congruente nas situações de maior familiaridade entre os participantes. Isso pode mostrar que SUB, construída com o modo subjuntivo, é muito empregada pelos falantes do português do Rio de Janeiro, não sendo o seu uso suplantado pelo emprego de estruturas alternativas.

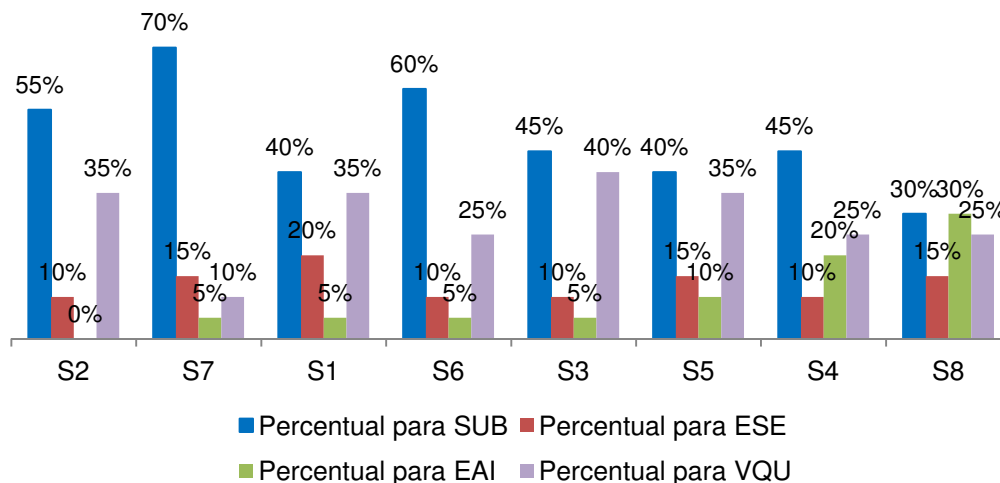
Constata-se, portanto, que as variáveis proximidade, intimidade, informalidade e ausência de hierarquia são fatores pragmáticos que induzem à seleção de construções informais disponíveis no sistema mas que, no entanto, a presença dessas variáveis não impede a escolha da construção com subjuntivo (cf. 4.2.4 - S6: Situação 6). As variáveis correspondentes distanciamento, ausência de intimidade, formalidade e hierarquia levam a uma maior escolha de construções formais – no caso, a SUB; porém, não inviabilizam a escolha de estruturas menos formais (cf. item 4.2.1 - S2: Situação 2). Conclui-se, portanto, que a maior ou a menor familiaridade entre os participantes de uma interação favorece não impedindo, porém, a preferência por estruturas mais formais ou mais coloquiais da língua. Observa-se ainda que outros fatores podem interferir na escolha das estruturas, como o tipo de assunto tratado, a interpretação que os falantes têm do ambiente físico em que a interação ocorre, e, ainda, a própria interpretação dos falantes sobre o grau de proximidade ou distanciamento existente entre eles.

Considera-se necessário complementar essa análise com a verificação das escolhas de todas as estruturas que constam no questionário. O item subsequente trata disso.

4.4 Análise geral das estruturas

Tendo em vista a importância de analisar separadamente os percentuais relativos às escolhas de cada estrutura, estão agrupados, no gráfico abaixo, os percentuais de escolha de cada estrutura para cada situação.

Figura 18: Percentual de escolhas de cada estrutura para cada situação



De acordo com o que é apresentado no gráfico, os percentuais para SUB são significativos em todas as situações. Isso mostra que essa é a estrutura preferida entre os falantes nas diferentes situações testadas. No entanto, a diminuição da preferência por SUB nas situações de familiaridade pode atestar a concorrência entre a opção SUB e as outras, mais informais, consideradas mais esperadas em situações que envolvem fatores pragmáticos que implicam em familiaridade. Essa concorrência entre as opções não era esperada, pois se acreditava que, nas situações de familiaridade, a escolha pelas opções congruentes seria muito baixa em relação à escolha das opções metafóricas.

Os percentuais de ESE mantêm-se baixos em todas as situações, sendo maiores apenas na S1. O percentual relativo à EAI vai aumentando nas situações de familiaridade entre os participantes, sendo maior em S8 do que nas demais situações. Quanto à estrutura VQU, se comparada com ESE e EAI, seus percentuais permanecem altos em quase todas as situações – exceto em S7, em que, pelos referidos motivos, não se considera adequado o uso de uma construção

hipotética, indicativa de maior incerteza do falante com relação à hipótese que enuncia. Esse resultado não era esperado.

Adicionando-se à presente análise um dado de conhecimento de mundo, pode-se sugerir ainda que o fato de a estrutura VQU estar sendo muito empregada pelos falantes do português – certamente na cidade do Rio de Janeiro e, possivelmente, em outras áreas – pode ser a razão de ela estar presente em uma propaganda da empresa Bradesco, na qual se incentiva a compra de seguros através de um personagem que elenca situações hipotéticas desastrosas, iniciando-as, frequentemente, pela expressão "vai que". O personagem termina a propaganda com a construção reticente: "Afinal, vai que...", deixando o telespectador completá-la como quiser. Cabe ainda chamar a atenção para o não uso do subjuntivo na construção "Bradesco Seguros - é melhor ter", apresentada no final dessa propaganda. Esse pode ser mais um exemplo revelador do quanto os falantes do português utilizam construções em que evitam o uso do modo subjuntivo. Contudo, este trabalho sugere que esse modo é preferencialmente utilizado em contextos de maior formalidade. Ou seja, pensa-se que o uso dessas construções, nessa propaganda, pode ser atribuído à informalidade do anúncio, um dos fatores que leva ao não uso do subjuntivo, ainda que não o determine, como mostram os resultados expostos acima.

4.5 Conclusões parciais

A análise aqui empreendida indica que as situações formais que apresentam distanciamento entre os participantes, ausência de intimidade e, sobretudo, relação de poder assimétrica, favorecem o uso de SUB. Nas situações em que estão ausentes essas variáveis, a tendência é o falante de português do RJ usar as estruturas alternativas. Não se supunha, entretanto, que a opção VQU fosse escolhida com tanta frequência pelos informantes em contextos menos informais de uso da língua, nem que a construção EAI fosse pouco selecionada em todas as situações.

Não se supunha, da mesma forma, que a estrutura SUB fosse a preferida pelos participantes em todos os contextos, o que pode mostrar que o modo

subjuntivo não está em desuso, como muitos acreditam. Os resultados indicam que os falantes optam pelo subjuntivo não somente em situações de fala que envolvem formalidade, embora em número menor de ocorrência.

Pode-se dizer, portanto, a partir da análise, que as estruturas metafóricas são, efetivamente, alternativas, embora não tenham a mesma aceitabilidade que a estrutura congruente em todos os contextos de uso.

Sabe-se que o uso de construções mais informais da língua pode correlacionar-se com variáveis sociais, tais como sexo, escolaridade, faixa etária, procedência do informante etc., levando o falante a optar menos por construções formais em contextos de maior formalidade. Assim, um dado que se pode acrescentar às conclusões desta análise é o fato de dez informantes terem escolhido a opção com o modo subjuntivo em menos da metade das situações. Três desses informantes – I2, I11 e I17 – indicaram, na ficha identificação (cf. item 3.5.2), que possuem apenas o ensino médio completo, o menor grau de escolaridade de todos os informantes. Este dado pode indicar que o fator escolaridade é mais um daqueles que influenciam o não uso do modo subjuntivo na construção estudada.

4.6 **Algumas contribuições para a área de PL2E**

Entre os professores de português como língua estrangeira, é conhecida a dificuldade que eles têm de ensinar e que os alunos têm de aprender a forma dos tempos do modo subjuntivo – com grande quantidade de radicais irregulares – e de compreender os seus usos – alguns deles desconhecidos pelos próprios professores e pesquisadores. Como consequência dessa dificuldade de aprendizagem, é frequente, na produção oral desses alunos, a má construção de orações em que se usa normalmente o subjuntivo. Este trabalho oferece, portanto, algumas contribuições para a solução desse obstáculo na área de ensino de PL2E, na medida em que apresenta um estudo de algumas estruturas alternativas à construção do período hipotético em questão.

A partir do que foi exposto na análise, confirmou-se que falantes próximos, íntimos e que querem conferir informalidade à interação tendem a empregar com maior preferência estruturas mais metafóricas. Assim, esses

fatores, ainda que não o determinem, influenciam o uso de construções alternativas. Contudo, está claro, pela análise apresentada aqui, que o uso do modo subjuntivo nas construções condicionais eventuais com *se* é muito empregado pelos falantes, principalmente em contextos de maior formalidade, em que se espera o uso da variante padrão. Defende-se, portanto, a importância do ensino do subjuntivo, pois ele faz parte dos registros mais formais e prestigiados da língua.

As estruturas alternativas oferecem, em contextos em que estão presentes as variáveis estudadas aqui, uma alternativa ao emprego do subjuntivo, o que pode contribuir para a proficiência do aprendiz, pois o uso de construções usadas em contextos mais coloquiais de fala demonstra flexibilidade e habilidade com o português. Contudo, as estruturas alternativas vistas estão relacionadas muito mais com a fala ou com a escrita informais do que com a fala e a escrita formais.

Cabe lembrar a importância da contextualização no uso dessas estruturas, pois o uso da linguagem ocorre sempre dentro de contextos específicos que justificam as construções empregadas.

Comprovou-se, portanto, que ainda que seja uma tarefa difícil, o ensino de português como língua estrangeira ou como segunda língua deve contemplar estruturas alternativas ao modo subjuntivo, bem como as estruturas em que se usa esse modo, e os contextos em que elas são usadas.